

IRMÃOS DE CRIANÇAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

Dulce Maria Pereira Garcia Galvão

1. Pós Doutoramento em Enfermagem, Professora Coordenadora; Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - ESEnfC - Coimbra, Portugal; dgalvao@esenfc.pt

Ana Patrícia dos Santos Leonardo

Mestre em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria, Enfermeira;
patricia.s.leonardo@gmail.com

<http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v1.274>

Fecha de Recepción: 5 Febrero 2016

Fecha de Admisión: 15 Febrero 2016

RESUMO

Antecedentes: As Perturbações do Espectro do Autismo (PEA) afetam a interação, comunicação e comportamento de uma criança, alterando profundamente o ambiente familiar. **Objetivos:** Conhecer a experiência vivida dos irmãos de crianças com PEA. **Participantes e Métodos:** Estudo descritivo exploratório, de natureza qualitativa, junto de 11 irmãos de crianças com PEA, através de entrevista semiestruturada, realizada em Outubro e Novembro/2013, e análise de dados proposta por Bardin. **Resultados:** Emergiram quatro temas: a criança e o diagnóstico de doença do irmão, a criança e o irmão com PEA, a criança e os pais e a criança e os outros. **Conclusões:** Ser irmão de uma criança com PEA é uma experiência única, contudo apresenta aspetos positivos e negativos, sendo a atenção dispensada pelos pais uma das maiores necessidades sentidas pelos irmãos de crianças com PEA. Com base nos resultados obtidos, a intervenção dos enfermeiros junto dos irmãos poderão clarificar as necessidades sentidas, bem como intervir junto dos pais alertando-os que a atenção por eles dispensada aos filhos é uma das grandes necessidades verbalizadas pelas crianças.

Palavras-chave: Criança; Irmãos; Perturbação do Espectro do Autismo; Experiências fraternas

ABSTRACT

Siblings of children with Autism Spectrum Disorder

Background: Autism Spectrum Disorders (ASD) affect the child's interaction, communication, and behavior, profoundly changing the family environment. **Objectives:** To understand what it means to be the sibling of a child with ASD. **Participants and Methods:** Exploratory descriptive study, using a qualitative methodology, with 11 siblings of children with ASD with semi-structured interviews, conducted in October and November/2013, and data analysis proposed by Bardin. **Results:** Four themes emerged: the child and the sibling's diagnosis, the child and the sibling with ASD, the child and the parents, and the child and the others. **Conclusions:** Being the sibling of a

IRMÃOS DE CRIANÇAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

child with ASD is a unique experience. Some negative aspects are related to the attention given by the parents, with this being one of the most significant needs felt by siblings of children with ASD. Nurses should intervene with parents, alerting them to the fact that the attention given to their children is one of the greatest needs expressed by the children.

Keywords: Child; Siblings; Autism Spectrum Disorder; Fraternal Experiences

RESUME

Los hermanos de los niños con Trastorno del Espectro Autista

Introducción: Los trastornos del espectro autista (TEA) afectan a la interacción, la comunicación y el comportamiento de un niño, cambiando profundamente el entorno familiar. Objetivos: Saber como es ser hermano de un niño con TEA. Participantes y Métodos: Estudio descriptivo exploratorio de naturaleza cualitativa, con 11 hermanos de los niños con TEA, a través de entrevista semi-estructurada, que tuvo lugar en octubre y noviembre/2013, e análisis de datos propuesto por Bardin. Resultados: Surgieron cuatro temas: el niño y el diagnóstico de la enfermedad de su hermano, el niño y el Hermano con TEA, el niño y los padres y el niño y los otros. Conclusiones: Ser hermano de un niño con TEA es una experiencia única, pero tiene también aspectos positivos y negativos, y la atención prestada por los padres es una de las mayores necesidades sentidas por los hermanos. Con base en los resultados obtenidos, la intervención de las enfermeras entre hermanos clarificará las necesidades sentidas e intervenir con los padres alertando la atención que se pagan a los niños es una de las grandes necesidades verbalizadas por los niños.

Palabras clave: Niño; Hermanos; Perturbación del Espectro del Autismo; Experiencias fraternales

INTRODUÇÃO

As PEA são perturbações globais do desenvolvimento que afetam os domínios da comunicação, da interação social e jogo simbólico e repertório de interesses. Têm início antes dos três anos e evoluem com a idade (American Psychiatric Association, 2000; Favero & Santos, 2005). As manifestações comportamentais que as definem incluem défices qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e repertório restrito de interesses e atividades (Gadia, Tuchman & Rotta, 2004). Enquadram-se no grupo de perturbações do desenvolvimento mais severas com que a família e os profissionais de saúde infantil têm de lidar, pelas repercussões no funcionamento da criança em áreas da socialização, comunicação e aprendizagem (Caldeira, 2003). A existência de uma criança com PEA na família coloca-lhe exigências que perturbam o seu eficaz funcionamento, e os irmãos, como um dos seus subsistemas, não deixam de ser afetados (Caldeira, 2003). Enquanto principal informante sobre a família, a mãe tem sido foco de muitas pesquisas (Crowe, Vanleit, Berghmans & Mann; 1997). Estudos na área das PEA têm apontado a necessidade de investigações que considerem outros membros da família (Hastings, 2003; Sharpe & Rossiter, 2002).

Pela constatação de escassez de estudos sobre as relações fraternas de crianças com PEA questionámo-nos “Como são desenvolvidas as relações fraternas quando um dos irmãos tem PEA?” definindo-se como objetivo geral conhecer como é ser irmão de uma criança com PEA, ou seja, compreender o significado que os irmãos atribuem à relação fraterna quando um deles tem uma PEA, baseado nas suas experiências, vivências e verbalização de necessidades enquanto irmãos.

MÉTODOS

Desenvolveu-se um estudo descritivo e exploratório segundo a metodologia qualitativa utilizando-se a entrevista semi-estruturada, com início após autorização da Presidente da APPDA, dos pais das crianças e aprovação da Comissão de Ética da UICISA:E (Parecer Nº 173-06/2013), junto de

irmãos de crianças com PEA de uma Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo na cidade de Setúbal, tendo inscritas 100 crianças. Colheram-se dados nos meses de Outubro e Novembro de 2013 utilizando-se uma amostra intencional.

Os critérios de inclusão assentaram em: Ter idade entre os seis e os dezoito anos; Ser do sexo feminino ou masculino e não ter qualquer patologia; Ser irmão de criança com PEA com idade compreendida entre os 5 e 14 anos e não ter outra patologia. Cada participante e respetivos pais foram contactados pessoalmente, entregue o pedido de colaboração no estudo e após aceitação assinaram o documento de aceitação de participação na pesquisa. A marcação do dia, hora e local da entrevista foi efetuada de acordo com a preferência de cada participante. A cada participante foi pedida autorização para gravação das entrevistas, garantindo o anonimato e confidencialidade dos dados. As entrevistas foram realizadas num gabinete com privacidade, na APPDA de Setúbal, num ambiente calmo e descontraído e sem qualquer ruído, com uma duração média entre 20 e 45 minutos. Foi negociada a melhor forma para, após a transcrição das mesmas, serem de novo contactados para procederem à sua validação. No final, cada entrevista foi transcrita, destruída a gravação áudio e ordenada em ficheiros individuais. Cada ficheiro foi codificado e atribuída uma numeração: E1,E2,E3..., sendo a codificação apenas do conhecimento das investigadoras. Ao efetuar entrevistas aos irmãos de crianças com PEA, demos a possibilidade aos participantes de explicarem a sua experiência individual acerca de como é viver com uma criança com PEA, de modo a compreender a forma como cada um interpreta a sua realidade. Questões tais como é o dia a dia com o irmão, qual o sentimento evidenciado quando souberam que o irmão era diferente, se esta diferença provocou alguma alteração nas suas vidas e se de alguma forma afectou o relacionamento quer familiar quer social, o que gostariam que mudasse, são algumas das questões colocadas para ir de encontro ao objetivo geral do estudo. A amostra ficou constituída por 11 irmãos, 8 do sexo feminino e 3 do masculino. A totalidade era de etnia caucasiana, apresentava média de idades de 11 anos, com uma idade mínima de 6 anos e máxima de 14 anos. No tratamento da informação atendendo ao tema, à pergunta de partida e aos objetivos, recorreu-se à análise de conteúdo segundo Bardin. Dentro da análise de conteúdo, optou-se pela modalidade temática como técnica de análise de dados, definindo categorias, sub-categorias e unidades de registo. Na organização da análise teve-se em atenção às três etapas do processo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Assim, numa primeira análise, efetuaram-se várias leituras flutuantes das entrevistas de forma a sistematizar as ideias principais. De seguida, realizou-se um agrupamento temático que deu origem a categorias, sub-categorias e unidades de registo. Após leitura de todo o conteúdo das entrevistas transcritas, procedeu-se à demarcação das unidades de registo.

RESULTADOS

Da leitura e análise das entrevistas dos irmãos de crianças com PEA emergiram quatro temas, sendo cada um deles agrupado em categorias e sub-categorias, como mostra o Quadro 1.

IRMÃOS DE CRIANÇAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

Quadro 1 - Temas, categorias e sub-categorias emergentes da leitura e análise das entrevistas

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA
A criança e o diagnóstico de doença do irmão	Impacto do diagnóstico de doença do irmão na criança: sentimentos gerados	Novidade, confusão, frustração, ambivalência, negação.
	Sentimentos da criança após explicação do diagnóstico de doença do irmão.	Aceitação.
A criança e o irmão com PEA	Sentimentos da criança face ao comportamento do irmão	Revolta, vergonha/constrangimento, tristeza.
	Relação entre irmãos	Fraterna/proximidade, distante.
	Estratégias para lidar com o irmão	Habituação, ignorar o irmão, não utilizar a força.
	Responsabilidades assumidas pela criança em relação ao irmão	Protecção, actividades domésticas, segurança.
A criança e os pais	Atenção dos pais face aos filhos	Distribuição equitativa, mais atenção à criança com PEA, não dar atenção à criança.
A criança e os outros	Relações familiares	
	Relações com os amigos/escola	
	Relações sociais	

• A CRIANÇA E O DIAGNÓSTICO DE DOENÇA DO IRMÃO

Os irmãos das crianças com PEA quando confrontadas com a situação de doença do irmão, vivenciaram dois momentos distintos.

Impacto do diagnóstico de doença do irmão na criança: sentimentos gerados

Alguns dos irmãos responderam ter tomado conhecimento que o irmão tinha autismo através

dos pais, sentindo-se invadidos por um conjunto de sentimentos que evidenciam novidade, confusão, frustração, ambivalência e negação.

“Ele é autista, mas não sei explicar.” (E7)

“(…) o maior impacto foi mesmo a frustração que senti.” (E3)

“Na altura não me apercebi muito bem das coisas (…) não tinha a noção do que é que ele tinha.” (E9)

“Eu negava sempre (…) dizia que não era, que passava.” (E5)

Sentimentos da criança após explicação do diagnóstico de doença do irmão

Após o primeiro impacto e explicação pelos pais os irmãos começaram a aceitar o diagnóstico referindo estarem a habituar-se à ideia de ter um irmão diferente.

“...não fiquei muito zangada pelo facto de ele ser diferente (...) depois de saber que ele era autista, fiquei a perceber porque é que ele fazia aquelas coisas.” (E4)

“Quando percebi o diagnóstico dele, de ele ser autista, não me fez confusão, aceitei bem (...) fiquei com curiosidade em saber mais sobre o assunto.” (E5)

• A CRIANÇA E O IRMÃO COM PEA

A criança e o irmão com PEA foi outro dos temas emergentes, tendo como resultado as categorias:

Sentimentos da criança face ao comportamento do irmão

Os irmãos das crianças, aludindo aos comportamentos estranhos que estes apresentam e capacidades restritas de jogo, manifestaram sentimentos de revolta, vergonha/constrangimento e tristeza.

“...ele andava na rua e chamava muito a atenção (...) ele fala muito, mete-se com as pessoas, deixa-me um bocadinho constrangida.” (E1)

“Fico triste (...) não consigo brincar com ele.” (E7) Relação entre irmãos

Relativamente à relação entre os irmãos verificámos nas entrevistas que esta pode ser fraterna ou não, podendo ser vista como fonte de experiências positivas caso exista proximidade.

“ (...) com os defeitos dele, é perfeito! Se ele não fosse autista, se calhar não éramos tão unidos!” (E1)

“Agradeço por ele existir na minha vida, agradeço mesmo!” (E2) “ (...) ele é espectacular!” (E3)

“Não costumamos fazer muita coisa juntos” (...) (E10)

“Durante a semana não convivo muito com ele (...) quase não falo com ele (...) não tenho muita relação com ele...” (E11)

Estratégias para lidar com o irmão

Para lidar com o irmão foi necessária a aquisição de mecanismos que favorecessem a interacção entre eles, tendo as crianças utilizado diferentes estratégias: habituação/adaptação, ignorar o irmão e não utilizar a força.

“É uma questão de adaptação (...) às vezes temos que pensar: ok, ele é autista, ele não vai perceber (...) ele continua no mundo dele, nós é que temos de nos habituar a ele!” (E1)

“Tive que aprender a adaptar-me a ele.” (E5)

“O segredo é não lhe responder e ignorá-lo.” (E1)

“Quando está naqueles dias de mau humor, o melhor é não lhe dizer nada, não lhe ligar.” (E9)

“...não se deve usar a força, temos que trabalhar com o cérebro (...) é preciso conhecê-lo (...) temos de ter imaginação, arranjar estratégias para fazer alguma coisa.” (E1)

Responsabilidades assumidas pela criança em relação ao irmão

Dentro das responsabilidades assumidas pelos irmãos destacam-se a protecção e a segurança pelo irmão e o assumir responsabilidades nas atividades domésticas.

IRMÃOS DE CRIANÇAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

“Sou muito protetora.” (E1)

“Quando estou com ele, não deixo que as pessoas se aproximem porque sinto que ele

“...fico a tomar conta dele.”(E2)

“...tenho que ter mais atenção com ele, por exemplo na rua, na praia...porque ele começa a correr e desaparece.” (E5)

“...tenho de ficar com ele, ele não pode ficar sozinho.” (E7)

“...em casa sou eu que arrumo a roupa do meu irmão, faço a cama do meu irmão (...)

quando quer, sou eu que vou deitá-lo.” (E9)

• A CRIANÇA E OS PAIS

Os relatos das crianças deram origem à construção da categoria que descreve a atenção dos pais face aos filhos. Algumas das crianças parecem ter a mesma atenção, outras referem ter menos atenção que o irmão com PEA e outras referem ainda não ter qualquer atenção.

“Os meus pais dão atenção aos dois igual.” (E8)

“...dá mais atenção ao meu irmão do que a mim (...)” (E1)

“ (...) os meus pais deixaram de estar mais tempo comigo para estarem com o meu irmão (...) vivem um bocado mais para o meu irmão.” (E7)

“ (...) os meus pais só olham para o meu irmão, não olham para mim.” (E2)

• A CRIANÇA E OS OUTROS

Este tema demonstra as relações estabelecidas entre as crianças a família alargada, os amigos e a sociedade.

Relações familiares

Ter um irmão com PEA revelou obrigar a várias alterações, levando as crianças a sentirem diversas dificuldades e necessidades no seio familiar, alterando a sua dinâmica tanto positiva como negativamente.

Algumas crianças referem aspetos positivos da presença de um irmão autista,

“... se calhar iria ser pior porque não éramos tão unidos.” (E1)

Por outro lado, outras referem:

“Seria melhor (...) os meus pais tinham mais dinheiro porque não iriam gastar muito com o meu irmão.” (E2)

“Se ele não fosse autista os meus pais não iriam andar tão stressados, iria ser melhor.” (E11)

Relações com os amigos/escola

Na maioria, as crianças referem ter uma boa relação de amizade que é premiada com a aceitação do seu irmão, e em nada parece ter afetado o facto de terem um irmão autista. “Na escola, os meus amigos sabem que o meu irmão é autista (...) eu já contei a eles e eles reagiram bem.” (E2)

“Em relação aos meus amigos não penso que afectou nada o facto de o meu irmão ser diferente.” (E3)

Relações Sociais

No contexto das relações sociais, as crianças evidenciaram alguma ambivalência nos seus discursos.

“Às vezes deixamos de ir a sítios por causa dele.” (E9)

“Não costumamos sair muito, mas não deixamos de fazer o que fazíamos por causa dele.” (E10)

DISCUSSÃO

Quando confrontados com o diagnóstico de PEA do irmão, os irmãos passaram por dois momentos, o primeiro impacto e posteriormente o ajuste relacionado com a doença do irmão.

Aquando do diagnóstico de doença, as crianças manifestaram sentimentos de confusão, negação e frustração. Segundo Siegel (2008), após o diagnóstico de autismo, a aceitação da perturbação é um processo gradual, nunca concluído. No entanto, observou-se que após explicação do diagnóstico de doença, todos os irmãos aceitaram o facto de terem um irmão autista. Viver com um irmão ou irmã com PEA acrescenta experiências únicas à relação. Os dados do estudo são claros ao demonstrarem que face ao comportamento da criança com PEA os irmãos nutrem sentimentos negativos. Dadas as características da própria doença, muitas crianças apresentam um comportamento excessivo e desadequado que leva ao despertar de sentimentos de revolta, vergonha e constrangimento por parte do irmão (Macks & Reeve, 2006; Wright & Williams, 2008). No que diz respeito à relação estabelecida, relatos demonstram que de uma forma geral, os irmãos manifestam uma boa relação, no entanto referem sentir alguma vergonha, muitas vezes associada ao comportamento do irmão (Roeyers & Mycke, 1995). Podemos afirmar que de uma forma geral, a relação entre os irmãos é descrita como uma relação fraterna e de grande proximidade entre ambos (Kamins & Dewey, 2001). A habituação/adaptação e o ignorar os comportamentos do irmão, foram estratégias descritas pela maioria dos irmãos, revelando mais uma vez uma forma de aceitação do irmão (Bosa & Gomes, 2004). Quanto às responsabilidades assumidas pela fratria em relação aos cuidados do irmão com PEA, grande parte dos participantes mencionou ser muito protetora e zelar pela sua segurança quando na ausência dos pais, bem como demonstrar grande ajuda nas tarefas domésticas, nas quais os irmãos demonstram incapacidade na sua execução (Harris & Glasberg, 2003). Relativamente à atenção demonstrada pelos pais, as opiniões são congruentes e conclusivas na medida em que, na maioria, as crianças consideram que a atenção é direcionada essencialmente para os irmãos com PEA (Verte, Roeyers & Buysse, 2003). A presença de uma criança com uma PEA afeta a dinâmica familiar, tendo sido relatado pelos irmãos como um aspeto negativo, na medida em que esta situação levou ao aumento dos níveis de stress por parte dos pais, conduzindo a um relacionamento familiar mais frágil e conturbado (Altieri, 2006; Araujo et al., 2012). Os resultados desta investigação também demonstraram parecer existir alguns aspetos positivos que se prendem com o facto da existência de um irmão com uma PEA ter tornado a família mais unida, levando-nos a demonstrar o elevado grau de coesão das famílias. Relativamente às relações estabelecidas com os amigos/escola, as respostas foram conclusivas, demonstrando aceitação e compreensão por parte destes. Estes resultados contrariam os estudos de Bagenholme Gillberg (1991) que verificaram que os irmãos de autistas se sentiam sozinhos e sem amigos, apresentando problemas de relacionamento com os pares. Relativamente às relações sociais, obtivemos respostas ambíguas que demonstraram que existem famílias que vêem afetadas as suas relações sociais, deixando de sair e frequentar alguns locais (Assumpção & Sprovieri, 2000). Por outro lado, algumas crianças revelam não terem visto alteradas as relações sociais, demonstrando que o facto de terem um elemento familiar com uma PEA na família em nada parece ter alterado o relacionamento social, não vindo nele um impedimento para o relacionamento com os pares.

Na perspetiva dos filhos, os pais vivenciam momentos de grande stress e sobrecarga emocional, no entanto o estudo desenvolvido não aprofundou como são estabelecidas as relações com a família alargada bem como o tipo de apoios necessários e existentes nestas situações. Assim sendo, poderão no futuro desenvolver-se estudos que incluam outros prestadores de cuidados, tais como avós ou outros familiares de proximidade, procurando perceber como são estabelecidas essas relações com as crianças com PEA. Através da presente investigação, podemos constatar que os estudos já existentes acerca desta temática corroboram os nossos resultados e vão de encontro a alguns relatos dos participantes. À semelhança do que já foi investigado há alguns anos atrás, este estudo vem complementar e dar atualidade à temática, na medida em que tal como já foi mencionado, a existência de estudos que envolvam os irmãos é ainda muito escassa e limitada. Por

IRMÃOS DE CRIANÇAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

outro lado, através deste estudo podemos afirmar que a nível relacional, os irmãos de crianças com PEA evidenciam um maior conhecimento acerca da patologia o que leva a que haja uma maior interação quer com os próprios irmãos, quer com os seus pares e com a sociedade, evitando assim o isolamento e problemas de relacionamento, tal como foi descrito por alguns autores.

CONCLUSÃO

Ser irmão de uma criança com PEA é uma experiência única, contudo apresenta aspetos positivos e negativos. A existência de sentimentos por vezes de vergonha em determinadas situações contrariam a valorização, aceitação e orgulho pelo irmão que apresenta défices em determinadas áreas mas com capacidades que os distinguem dos outros e são objeto de admiração pelos irmãos. Outro aspeto positivo prende-se com a constatação de uma relação fraterna e de grande proximidade, pautada por sentimentos de proteção que de certa forma leva a um aumento do grau de coesão familiar. Por outro lado, o aspeto negativo que mais se evidenciou prende-se com a atenção dispensada pelos pais, sendo esta uma das maiores necessidades sentidas pelos irmãos de crianças com PEA. A presença de uma criança com PEA no seio familiar, leva a um aumento dos níveis de stress dos pais afetando assim a dinâmica familiar. A forma como cada um sente como é ser irmão de uma criança com PEA depende de fatores como a idade e a própria estrutura familiar. Apesar de neste estudo apenas apresentarmos a média de idades das crianças e não colocar a idade como uma variável independente, através das entrevistas e da análise dos resultados podemos referir que crianças mais velhas lidam melhor com a presença de um irmão com PEA, provavelmente pelo conhecimento e entendimento da própria patologia, do que crianças mais novas que, apesar de saberem que têm um irmão diferente e de o aceitarem tal como é, não conseguem deixar de referir como esse fato altera o seu relacionamento com os pais, por acharem que os mesmos nutrem um sentimento diferente pelos irmãos. Contudo e, de uma forma geral, podemos afirmar que a maioria dos irmãos têm experiências positivas, podendo concluir-se que provavelmente os fatores acima referidos contribuam favoravelmente para este parecer.

Com este estudo pretendeu-se conhecer a experiência vivida do irmão de uma criança com PEA. Sendo a atenção dispensada pelos pais uma das grandes necessidades verbalizadas pelas crianças. Este estudo poderá contribuir de forma sustentada na evidência científica para a melhoria da assistência de enfermagem, alertando os pais para o conhecimento das necessidades dos seus filhos. Os resultados obtidos poderão facilitar a intervenção de enfermagem junto dos irmãos e clarificar essas mesmas necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altieri, M. J. (2006). Family functioning and coping behaviors in parents of children with autism. Retrieved from <http://commons.emich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1053&context=theses>
- American Psychiatric Association. (2000). Manual diagnóstico e estatístico de perturbações mentais: D.S.M. IV -TR : Texto revisto (1ª ed.). Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Araujo, R. R., Souza-Silva, J. R., & D' Antino, M. E. (2012). Breve discussão sobre o impacto de se ter um irmão com transtorno do espectro do autismo. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 12(1), 9-15.
- Assumpção, F. B., & Sprovieri, M.H. (2000). Introdução ao estudo da deficiência mental. São Paulo, Brasil: Memnon.
- Bagenholm, A., & Gillberg, C. (1991). Psychosocial effects on siblings of children with autism and mental retardation: A population-based study. *Journal of Mental Deficiency Research*, 35(4), 291-307.

- Bosa, C., & Gomes, V. (2004). Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais de desenvolvimento. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 553-561. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a18v09n3.pdf>
- Caldeira, P. (2003). Programa clínico para o tratamento das perturbações da relação e da comunicação baseado no modelo D.I.R. *Análise Psicológica*, 21(1), 31-39.
- Crowe, T. K., Vanleit, B., Berghmans, K. K., & Mann, P. (1997). Role perceptions of mothers with young children: The impact of a child's disability. *The American Journal of Occupational Therapy*, 51(8), 651-661.
- Favero, M. P., & Santos, M. A. (2005). Autismo infantil e estresse familiar: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 358-369. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a10v18n3>
- Gadia, C. A., Tuchman, R., & Rotta, N.T. (2004). Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, 80(2sup.), S83-S94. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>
- Glat, R., & Duque, R. (2003). *Convivendo com filhos especiais: O olhar paterno*. Rio de Janeiro, Brasil: Sete Letras.
- Harris, S., & Glasberg, B. (2003). *Siblings of children with autism: A guide for families* (2ª ed.). Bethesda, USA: Woodbine House.
- Hastings, R.P. (2003). Behavioral adjustment of siblings of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 33(2), 99-104. Retrieved from http://dcautismparents.org/yahoo_site_admin/assets/docs/ABA_9.9261235.pdf
- Kamins, L., & Dewey, D. (2001). Siblings relationships of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 31(4), 399-410. Retrieved from <http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1010664603039#page-1>
- Macks, J., & Reeve, E. (2006). The adjustment of non-disabled siblings of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37(6), 1060-1067. Recuperado de http://download.springer.com/static/pdf/461/art%253A10.1007%252Fs10803-006-02490.pdf?originUrl=http%3A%2F%2Flink.springer.com%2Farticle%2F10.1007%2Fs10803-00602490&token2=exp=1437574540~acl=%2Fstatic%2Fpdf%2F461%2Fart%25253A10.100%25252Fs10803-006-02490.pdf%3ForiginUrl%3Dhttp%253A%252F%252Flink.springer.com%252Farticle%252F10.1007%252Fs10803-006-02490*~hmac=f1a1259cb87c8ae866591c43b8dbea7d642e8ed8792e555b519006f21420d783
- Roeyers H, Mycke K. Siblings of a child with autism, with mental retardation and with a normal development. *Child Care Health Dev.* 1995 Sep;21(5):305-319.
- Sharpe D, Rossiter L. Siblings of children with chronic illness: a meta-analysis. *J Pediatr Psychol.* 2002;27(8):699-710.
- Siegel, B. (2008). *O Mundo da criança com autismo: Compreender e tratar perturbações do espectro do autismo*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Verte, S., Roeyers, H., & Buysse, A. (2003). Behavioral problems, social competence and self conception on siblings of children with autism. *Child: Care Health and Development*, 29(3), 193-205. Retrieved from <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1365-2214.2003.00331.x/full>
- Wright, B., & Williams, C. (2008). *Convivendo com autismo e síndrome de asperger: Estratégias práticas para pais e profissionais*. São Paulo, Brasil: M. Books do Brasil Editora.

